

RELATO DA PETIANA EGRESSA

Ana Leticia Espolador Leitão



Egressa do PET-Economia/UFES. Pesquisadora de questões relacionadas à dialética alimentação e fome e aos temas inerentes a ela, como os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), às questões estruturais, à produção de alimentos e às transformações nos regimes alimentares. Cofundadora do *Groupe d'études Josué de Castro*, juntamente com M. Gilles Fumey (Professor e supervisor do Doutorado Sanduíche na Sorbonne-Université) e outros mestres e doutores na França. Graduada em Ciências Econômicas pela UFES, Especialista em Ciências Humanas e Desenvolvimento Regional, Mestra em Ciências do Curso de Pós-graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade (CPDA) e Doutora em Geografia.

Participar do PET-Economia UFES foi importante para minha formação, pois pude passar o dia na Universidade, aprender muito sobre a vida universitária e me concentrar nos meus estudos teóricos.

Vivi a UFES durante minha graduação, aproximando-me de outros cursos e vendo a importância da inter/multi/transdisciplinaridade.

Particpei de alguns eventos no estado do Espírito Santo e fora dele, como nos dois Fóruns Social Mundial (FSM), o segundo e o terceiro, em 2002 e 2003, respectivamente.

Foi graças ao II FSM que tive contato com a peça do Teatro do Oprimido, do renomado dramaturgo Augusto Boal, em que, posteriormente, consegui desenvolver a versão do PET-Economia/UFes. Fico contente por essa atividade perdurar até o momento, pois também tive a oportunidade de conhecer o Augusto Boal pessoalmente na UFES, em 2003, quando ele assistiu a nossa peça, na qual eu interpretei a “mãe”.

Concentrarei, por isso, meu depoimento na versão PET do Teatro do Oprimido, pois a peça foi concebida em 2002, isto é, antes do “boom” das políticas públicas para educação e antes do desmantelamento do Estado.

O primeiro desafio que tive foi a criação da versão PET-Economia do Teatro do Oprimido, pois não apenas estive na comissão de elaboração da peça, mas fui a única que participou de todas as etapas dela, isto é, dos ensaios e da atuação, atuando eu no único papel feminino, ou seja, com a personagem “mãe”.

Enquanto escrevia a peça, pensei não apenas em uma oportunidade de ascensão social para o filho (personagem que recebia a bolsa de estudos para ingressar em uma graduação de filosofia), mas também em relações de opressão cotidianas. Isso porque a peça retratava violências físicas, psicológicas, morais e/ou sociais das outras personagens, isto é, da mãe e do pai, além do filho. E o Teatro do Oprimido de Augusto Boal tem, justamente, essa preocupação: de chamar para a atuação pessoas que sofrem opressões e que querem modificar sua realidade, ou seja, que buscam sair do “papel” de oprimido vendo outras realidades e muitas vezes se identificando com elas. Então, a peça chama para atuação o público geral que quer modificar a realidade de opressão. Assim sendo, só é permitida a participação desse público no lugar do personagem oprimido em determinada cena. No caso da peça, somente o “patrão” não pode ser substituído, pois não sofre nenhuma opressão na versão PET. Entretanto, o pai, opressor na relação com sua mulher (a “mãe”) e com o “filho”, é oprimido na relação com seu empregador. Esse pai também é substituído pelo filho, quando o patrão o demite, tratando-o de forma descartável.

Ressalto aqui que a peça tem se destacado no PET há duas décadas, em que tem sido um sucesso quando apresentada, isso porque na sociedade ainda existem: a) violências (físicas, morais, psicológicas, sociais...) contra as mulheres e outras “minorias”; b) opressão dos sonhos de adolescentes, que muitas vezes são enquadrados sem desenvolver um pensamento crítico; c) violências domésticas, também contra

os filhos; d) opressão nas relações trabalhistas com a precarização do trabalho, com a retração de direitos trabalhistas...

Para concluir meu depoimento sobre a versão PET do Teatro do Oprimido, agradeço aos petianos, que têm aprendido a atuar, com a missão de passar o conhecimento da melhor forma possível à comunidade em geral, pois além do minicurso “Do Economês para o Português” e outros eventos que o PET promove (para retribuir o conhecimento que se adquire no programa), temos na peça teatral o empenho dos petianos. Assim, ver estudantes de graduação atuando em uma peça para conscientizar o público, que muitas vezes pode ser oprimido e até opressor, faz despertar quem somos e permite pensar de forma a melhorar a realidade de quem a assiste, além de perpetuar o nome do dramaturgo Augusto Boal.

Contudo, percebi no PET que a Universidade não está dissociada das mazelas do sistema econômico, das estruturas políticas e sociais, das reificações..., mas que é possível ter uma formação transformadora, mais humana e humanista, com respeito à diversidade, ao meio-ambiente, às pessoas em geral, sem perpetuar preconceitos, violências, opressões... Embora o PET também não seja imune a isso, muitos dos petianos têm a oportunidade desse despertar e de fazer a diferença.

Enfatizo meu agradecimento ao período que fui petiana, pois pude ter acesso a uma bolsa no Centro de Línguas da UFES, quando comecei meu aprendizado do idioma francês, o que me ajudou a ir na França quando fiz o Doutorado

Sanduíche na Sorbonne-Université. E, claro, agradeço aos amigos que fiz no PET.